

Feira Itinerante da Baixada Campista: avanços, retrocessos e esperança na busca da identidade agroecológica na baixada

Baixada Campista Traveling Fair: advances, setbacks and hope in the search for agroecological identity in the Baixada

RIBEIRO, Manoel da Conceição¹; AZEVEDO, Thor²; CHAGAS, Catarina das Graças³; SILVA, Edson Almeida da⁴; SILVA, Josenilda Pessanha da⁵; SILVA, Robledo Mendes da⁶; RIBEIRO, Lorena Cristina Carvalho⁷; RIBEIRO Alessandra Oliveira de Carvalho⁸; DIAS Júlio César Soares⁹

1: Camponês, fundador da feira e militante do MPA. 2: Graduando em Ciências Sociais e militante do MPA. 3: Camponesa, militante do MPA e CPT, assentada e licenciada em Educação no Campo. 4 e 5: Camponeses, fundadores da Feira e militantes do MPA. 6: Agroecólogo, professor e militante do MPA. 7 e 8: Apoiadoras do MPA. 9: Militante do MPA e graduando em licenciatura.

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

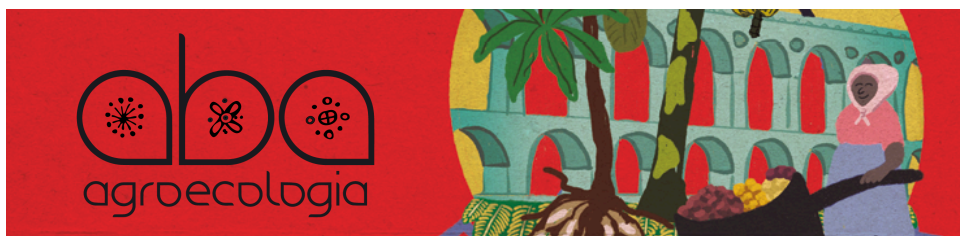
Eixo Temático: Campesinato e Soberania Alimentar

Resumo: Este trabalho pretende descrever a experiência da Feira Itinerante da Baixada Campista. A feira teve início no ano de 2017 na comunidade rural de Baixa Grande, Campos dos Goytacazes. É constituída por produtores rurais de agricultura familiar e atualmente conta com a participação de quatro famílias com o objetivo de promover a agroecologia na região, escoar a produção destas famílias e levar comida sem veneno produzida localmente à mesa dos consumidores do município. A feira tem apoio do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), sendo realizada inicialmente na pracinha de Baixa Grande, distrito do município de Campos dos Goytacazes, com a proposta de ser itinerante e assim se integrar a outras feiras em diversos locais do município e com demais produtores e coletivos.

Palavras-chave: agricultura camponesa, soberania alimentar, abastecimento popular.

A Feira Itinerante da Baixada Campista (FIBC) é uma ferramenta econômica e política, que busca o fortalecimento da agricultura familiar no território, prezando pela horizontalidade e igualdade, com expressiva participação das mulheres, e com o objetivo principal de escoar a produção destas famílias em defesa de um abastecimento popular de alimentos, promovendo o consumo local e a soberania alimentar na região. Sua organização foi fruto do esforço coletivo das famílias produtoras locais nutridos pelo desejo comum de pôr em prática uma proposta baseada na auto-organização e no apoio mútuo, buscando construir uma integração de produtoras e produtores da agricultura familiar da baixada campista junto ao público consumidor da área rural e urbana cujo objetivo central é a “produção de alimentos saudáveis e variados, com qualidade e quantidade suficientes, através de sistemas diversificados de produção” (GÖRGEN. 2019. p.40) assim combatendo a cultura dominante do agronegócio com seus pesticidas e monocultivos no município. Outro princípio fundamental da feira é o de levar alimentos de qualidade por um valor economicamente acessível.

Para além de um espaço de comercialização, a feira é um espaço de conscientização política sobre os processos de produção de alimentos, da



agroecologia e da valorização de alimentos produzidos localmente através das relações sociais tecidas durante as feiras e o diálogo com os consumidores. Busca-se debater nas feiras e em suas reuniões as questões relacionadas à agricultura familiar, à conjuntura política na qual estamos localizados, os desafios a serem enfrentados. São distribuídos folhetos ou jornais elaborados por movimentos sociais da cidade e do campo, com destaque a presença de material do MPA e do Libera, periódico anarquista de maior longevidade no Brasil e alcance mundial. Além disso, a experiência dos feirantes busca conscientizar o público de que é possível plantar, colher e vender produtos sem venenos como relata a feirante Catarina, quando afirma “Esse é o nosso carro-chefe!”

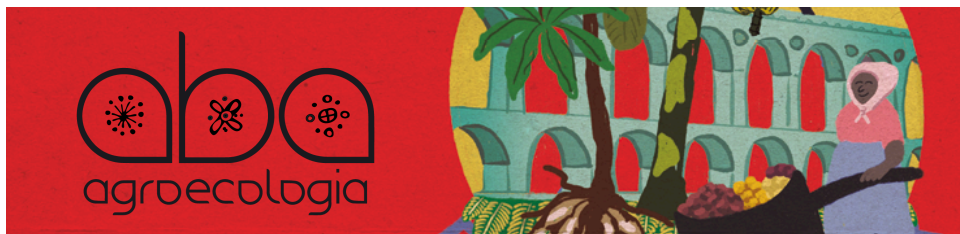
Portanto, produzir alimentos saudáveis, comercializar e consumir alimentos saudáveis são entendidos como um ato político de profunda contestação à ordem (ou desordem), é um enfrentamento direto à lógica agroalimentar (agronegócio) promovida pelo capitalismo. Neste sentido, o abastecimento popular é a ponte que liga campo e cidade. (GÖRGEN. 2021. p.45).

A organização da FIBC baseia-se em alguns princípios libertários do apoio mútuo entre trabalhadoras e trabalhadores do campo e da cidade. Pelo exemplo de vivência do protagonismo político nossa organização se faz horizontal, sem a figura da centralização das decisões, problematizando a dependência de patrões e atravessadores, realizando o exercício da ação direta camponesa. Tem uma Comissão composta por seus próprios participantes, distribuindo tarefas e responsabilidades, “afirmando que a construção de outro modo de ser, de produzir, as relações entre as pessoas dependem da construção de outra concepção de mundo, de planeta, de biosfera, de ser humano e de produzir a própria existência” (CASALLI, 2019 p.122).

Após cinco reuniões realizadas entre as datas de 19/01 a 29/04 de 2017, na escolinha do MST no Assentamento Che-Guevara, em Marrecas, localidade da baixada do município. Participaram da reunião os integrantes da “União Camponesa da Baixada Campista” (UCBC) e grupo de assentados da Reforma Agrária do Assentamento Che-Guevara onde amadureceu a ideia de realizar a FIBC.

Os pontos elencados para criação da FIBC foram o local para sua realização, sendo aprovado a praça em frente ao Posto de Saúde de Baixa Grande, aos sábados das 8h às 12h; a venda de alimentos de produção própria; e caso o feirante não possa participar as e os demais vendem seus produtos, sem qualquer ônus, fortalecendo o apoio mútuo entre as e os feirantes, pois “sem prática da ajuda mútua, eles nunca poderiam sair de todas as dificuldades com que se deparam” (KROPOTKIN, 2009). Outro exemplo relevante da ajuda mútua foi apresentado quando na falta de matéria-prima para produção de algum subproduto como papa ou goiabada por exemplo, o feirante prioritariamente compra do seu companheiro de feira, sendo uma salvaguarda da feira.

A utilização da FIBC como potencial espaço de construção coletiva de conhecimento nunca saiu de cogitação, pois serviu para distribuição de jornais,



panfletos, além da comercialização de alimentos, artesanatos e livros. Valorizando os múltiplos saberes que podem ser trabalhados pela educação popular em seus círculos de cultura.

No círculo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a “dizer a sua palavra”. (BRANDÃO, 2017, p.15)

O nome da feira tem como sua identidade a peculiar palavra “Itinerante”, com intuito de ampliar sua área de divulgação, além das palavras “Baixada Campista”, afirmando a identidade do pequeno grupo de camponeses em seu território. A faixa utilizada na feira também possui a frase “Produtos da Agricultura Familiar, natural e sem veneno”. Não foi utilizada a palavra agroecologia devido o cuidado e a responsabilidade da palavra, pois agroecologia não se restringe apenas a produção sem veneno, mas aspectos sociais, políticos, assim:

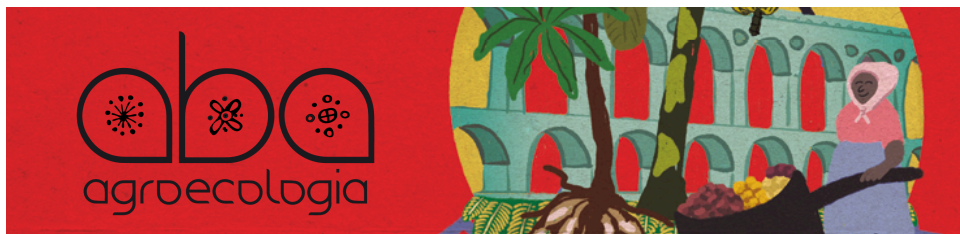
Um conceito base dessa forma de compreender a agroecologia é a coevolução entre os sistemas naturais e sociais, entre ambiente e cultura, sendo que os seres humanos têm a capacidade de direcionar essa coevolução. As populações do campo, sua cultura e suas formas de organização e resistência são elementos centrais no processo de coevolução (CALDART, 2012 p.63).

A FIBC tem como escopo ser um espaço saudável de alimentos sem veneno, abrindo possibilidades de entrada de camponeses que tivessem disposição de comprometerem-se na transição agroecológica, não só assumindo a responsabilidade de não utilizarem mais agrotóxicos nas plantações, como de trabalharem as demais dimensões da agenda agroecológica. Como nos diz Casali:

Mas, voltando ao assunto, podemos dizer que a cultura agroecológica não está presa às regras do mercado, nem às determinações das multinacionais e de organismos como SEBRAE e Confederação Nacional de Agricultura - CNA. A agricultura agroecológica está continuamente se reinventando a partir de cada território. Sua cultura se reconhece e se afirma através de um conjunto de elementos. Não pensa somente na produção de comida, mas na reprodução dos valores subjetivos, as plantas medicinais, a feira, enfim, o sistema de convivência como um todo. (CASALLI, 2019, p. 92).

A primeira feira ocorreu no dia 29 de abril de 2017, construindo e aprovando seu regimento interno e sua comissão. O referido ano foi promissor, tendo mais de dez famílias na feira, colocando em prática pontos da carta orgânica como visitas nos locais de produção dos feirantes. Outro ponto relevante ocorrido nesse ano foi a construção de uma declaração, assinada por todos feirantes, como documento de registro desta atividade, e veio a servir para o processo de aposentadoria de uma feirante.

No ano de 2018 a FIBC passou por um turbulento período, especialmente relacionados à redução de feirantes e à vitória presidencial de Jair Bolsonaro, pois passaram a ouvir insultos referentes às bandeiras do MPA e Via Campesina. Por



medo de agressão física foi decidido a retirada das bandeiras diante daquela conjuntura de insegurança, terror e intolerância política. Em 2019, a feira foi reduzida para cinco famílias, porém com muitas faltas, permanecendo apenas duas famílias de maneira constante.

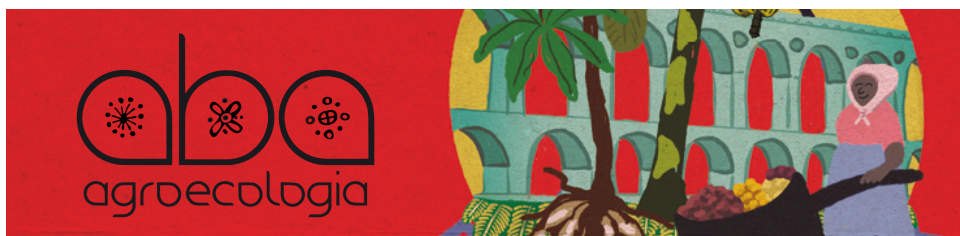
Em 2020 devido à pandemia e questões de segurança relacionadas à pandemia de covid-19 e medidas de isolamento social a feira foi suspensa por tempo indeterminado após reunião e aprovação do grupo. No mesmo ano, em diálogo com a pauta do MPA de aliança camponesa e operária por soberania alimentar e poder popular, as famílias da FIBC fizeram doações de alimentos em solidariedade à luta dos petroleiros em greve, onde foi oferecido um café camponês como símbolo de apoio classista. Também foram distribuídas algumas cestas básicas doadas pela CPT às famílias mais necessitadas das localidades da baixada campista.

Em 2022 surgem tentativas de retorno, porém plantações de três feirantes foram perdidas consecutivamente devido às cheias dos canais da baixada campista. No ano de 2023 foi aprovado o retorno da FIBC à Baixa-Grande.

Entre os principais desafios enfrentados, além da pandemia e da conjuntura política desfavorável já citados, estão a falta de horários do transporte público nas regiões rurais do município, bem como possíveis questões burocráticas. Assim surgiu a proposta de inserção dos integrantes da FIBC na Economia Solidária como estratégia para evitar problemas de cunho legal relacionados à utilização das feiras em praças, pois a Lei da Economia Solidária ampara a realização de pequenas feiras. A FIBC recebeu convites para participar de um evento na praça da localidade rural chamada Goytacazes, o qual não foi possível participar. O segundo foi o Festival da Economia Solidária no centro de Campos, a FIBC participou com quatro integrantes.

No final de 2017 a FIBC havia participado da reunião para construção da feira de responsabilidade do Parque Estadual da Lagoa do Açú (PELAG), em sua sede, localizada na comunidade de Farol de São Thomé. compondo a feira a partir de Janeiro de 2018 com quatro integrantes. No ano de 2020 a FIBC participa novamente durante o verão da “Feirinha da Roça” de Farol de São Thomé.

Em 2021 a FIBC é convidada a participar da Feira organizada pela Economia Solidária, realizada no Colégio Salesiano de Campos. Sendo representada por dois integrantes, dividindo espaço com produtores de assentamentos de outras localidades do município, laboratórios das universidades UFF e UENF, e a banquinha Capivara de livros, fortalecendo os laços e apoio mútuo. Em 2022 a feira passa a ocorrer no espaço da Mitra Diocesana do município. A Feira Agroecológica na Mitra reuniu mais de 40 feirantes com representações dos assentamentos Antônio Farias, Dandara, Josué de Castro, Oziel Alves, Zumbi dos Palmares.



Feira como múltiplas formas de aprendizagem

A FIBC além de um instrumento de soberania alimentar é um espaço de Educação Camponesa como nos Círculo de Cultura freireanos, pois as troca de conhecimentos entre camponeses dialogam com a cultura e problematização da realidade, resgate de valores entre gerações, receitas, uso de plantas para a saúde, o que pode afirmar existir um processo de aprendizagem informal, servindo como ótima experiência de trabalho de base e formação política com o potencial tema gerador da alimentação.

Uma pedagogia centrada na igualdade de participações livres e autônomas, seria possível formar sujeitos igualmente autônomos, críticos, criativos, conscientes e solidariamente dispostos a três eixos de transformações: a de si mesmo como uma pessoa entre as outras; a das relações interativas em e entre grupos de pessoas empenhadas em uma ação social de cunho emancipatoriamente político; a das estruturas da vida social. (BRANDÃO, 2017, p.124).

A feira conseguiu por meio de sua rede de apoio construir relevantes relações, recebendo convites para participar em outras atividades. A casa da terceira idade de Baixa Grande abriu as portas, ocorrendo duas reuniões no referido espaço. A primeira reunião foi resumidamente entre um professor de agronomia, um técnico agrícola e alguns camponeses. Valorizando o diálogo de saberes, pois “a tarefa do educador, então é a de problematizar aos educandos o conteúdo que mediatiza” (FREIRE. 1977. p.81), complementando o saber técnico com o saber popular.

A segunda reunião no espaço foi uma palestra sobre Previdência Social do Campo, com representantes do INSS de Campos dos Goytacazes e Emater Campos. A reunião tinha como objetivo central informar algumas mudanças referentes à aposentadoria rural.

Na data de 17/03/2018 a feira recebeu as visitas de uma militante do MPA e uma militante da CPT que fizeram uma roda de conversa dedicada ao Dia Internacional da Mulher, promovendo a conscientização de questões de gênero e distribuindo cartilhas feitas pelo grupo de saúde da mulher e preservativos masculinos e femininos. No dia 02/09 do mesmo ano, a FIBC participou de palestra no Colégio Municipal Cláudia Almeida sobre pasto e uso de caldas com dois professores do colégio técnico agrícola, ótima formação de troca de saberes.

A FIBC obteve ao longo destes seis anos uma relevantes experiências na organização de uma feira. Participando de formações e atividades utilizando métodos de educação não formal e informal e do diálogo de saberes, reunindo o saber técnico e o saber popular, proporcionando o fortalecimento dos laços entre suas e seus produtores e com demais coletivos, universidades e movimentos. A esperança da FIBC está tomando forma, reforçando o papel estratégico do campesinato no abastecimento popular de alimentos em nosso território.



Referências bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculos de Cultura. Caderno de metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico. Ed. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2017.

CALDART, Roseli Salete (org.) Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, Expressão Popular, 2012

CASALLI, Derli. O pensamento de um incansável militante camponês. Org. Bruno Pilon, Cácia Cortez, Luís Carlos Souza, Sérgio Antônio Gorgen. Candiota, RS. Instituto Padre Josimo. 2019.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? Editora Paz e Terra. 3ª edição. Rio de Janeiro. 1977.

GÖRGEN, Sérgio Antônio. O Plano Camponês. Candiota, RS. Instituto Cultural Padre Josimo. 2019.

KROPOTKIN, Piotr, Ajuda Mútua: Um fator de evolução. Tradução: Waldyr Azevedo Jr. A Senhora Editora. São Sebastião, 2009.